

## **APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESVELANDO POSSIBILIDADES COM O USO DA FERRAMENTA GOOGLE DRIVE**

**Dirce Aparecida Foletto de Moraes<sup>1</sup>  
Adriana Regina de Jesus Santos<sup>2</sup>  
Diene Eire Mello Bortotti de Oliveira<sup>3</sup>**

### **RESUMO:**

O objetivo deste estudo foi compreender se a utilização da ferramenta Google Drive possibilita diferentes experiências pedagógicas que possam resultar em aprendizagem colaborativa na educação superior. O estudo foi realizado em uma turma do primeiro ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, constituindo-se como uma pesquisa exploratória e descritiva. Ao final foi aplicado um questionário para avaliar o uso da ferramenta. Os resultados elucidam que esta pode ser uma ferramenta de aprendizagem porque possibilita a produção colaborativa, o diálogo, o compartilhamento e a aceitação das ideias, a troca de informações e a ajuda mútua, agregado a isso, o estudo revela ainda que as mediações constantes realizadas pela professora durante o processo de construção do texto foram fundamentais para regular as aprendizagens, pois direcionaram os discentes à superação dos obstáculos apresentados e favoreceram a construção de novos conhecimentos.

### **Palavras-chave: google drive, aprendizagem colaborativa, mediação**

As tecnologias se apresentam como ferramentas capazes de propor uma nova forma de ensinar e de aprender, constituindo-se em espaços de troca de experiências que podem contribuir para a construção de aprendizagens significativas. A inserção das ferramentas da *web 2.0* no contexto educativo permite outras formas de conceber o ensino e a aprendizagem, por entender que este processo não se dá na individualidade, mas na interação, no compartilhamento e principalmente na colaboração. Desta forma busca superar a perspectiva de transmissão de conhecimento de forma unilateral e linear e passa a priorizar a aprendizagem colaborativa.

Esta não é uma tarefa fácil, principalmente na Educação Superior, a qual tem como prática um ensino calcado em formatos mecânicos em que as aulas “[...] não passam de meras reproduções de mini-palestras ou reuniões de um número determinado de pessoas ouvindo uma delas expor determinado assunto” (PIMENTA e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação UNESP – Presidente Prudente. Docente e pesquisadora da Universidade Estadual de Londrina - UEL.

<sup>2</sup> Docente e pesquisadora da Universidade Estadual de Londrina - UEL.

<sup>3</sup> Docente e pesquisadora da Universidade Estadual de Londrina - UEL

ANASTASIOU, 2008, p. 204-205). Destarte, o desafio que ora se coloca é o de encontrar caminhos para utilizar tais ferramentas no contexto educativo a fim de possibilitar que os alunos aprendam a trabalhar de forma colaborativa, tornando-se atores, acompanhados pelos professores que vão atuar como mediadores no processo de construção da aprendizagem colaborativa e significativa.

Diante disso este artigo objetiva compreender se a utilização da ferramenta Google Drive possibilita diferentes experiências pedagógicas que possam resultar em aprendizagem colaborativa na educação superior. O estudo é de natureza qualitativa constituindo-se como pesquisa exploratória e descritiva. A pesquisa teve a participação de 40 discentes e uma docente do curso de Pedagogia de uma instituição pública. Para avaliar o uso da ferramenta ao final foi aplicado um questionário *on line*, respondido por 30 alunos, com o propósito de: identificar se o uso da ferramenta colabora com a aprendizagem; perceber que experiências a ferramenta possibilita; perceber se o Google Drive possui potencialidades para contribuir para a aprendizagem colaborativa, podendo ser utilizada com frequência no curso superior. Para a análise dos dados, a técnica selecionada foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977).

### **As tecnologias digitais na universidade: desvelando um novo cenário educacional**

O processo de ensino e aprendizagem na educação superior, calcado em uma “educação bancária”, vem sendo questionado por aqueles que defendem um “[...] paradigma educacional caracterizado por um modelo de comunicação bidirecional, em que o professor perde parte de seu protagonismo em favor da valorização do papel do aluno no processo de comunicação pedagógica” (COUTINHO e BOTTENTUIT JUNIOR, 2008, p. 1860).

No que se refere ao ensino universitário “o essencial na conduta educativa não se situa, portanto, no lado da transmissão de informação, mas do lado da construção de sentido com os aprendizes [...]” (LOISELLE, 2002, p.109) Para tanto, as tecnologias digitais vêm se apresentado como ferramentas capazes de contribuir na constituição de um novo cenário educacional pela possibilidade de proporcionar experiências diferenciadas na forma de ensinar e de aprender, favorecendo o desenvolvimento da autonomia do aprendiz.

O espaço universitário mediado pelas tecnologias revela-se como um [...] “currículo dinâmico, em construção, aberto, que leva à reflexão crítica. O enfoque é

na aprendizagem, na promoção e no reforço das interações estudantes/professor e estudantes/estudantes, na colaboração e na partilha de conhecimentos” (Okada, 2011, p. 73).

Neste processo, docentes e discentes podem assumir uma parceria na construção do conhecimento trabalhando de forma colaborativa e compartilhada. Assim, esta poderia se apresentar como uma possibilidade para superar o entendimento da “[...] aula expositiva como forma única de ensinar, visão que reforça a ação do professor como palestrante e a do aluno como copista do conteúdo. Nessa superação a aula não deve ser *dada* nem *assistida*, mas *construída*” (PIMENTA e ANASTASIOU, 2008, p. 207).

Isso significa que os papéis do professor e do aluno também se alteram, pois “[...] a imagem de um professor transmissor de informação, protagonista central das trocas entre seus alunos e guardião do currículo começa a entrar em crise em um mundo conectado por telas de computador” (COLL e MONEREO, 2010, p. 31). Já o aluno deixa seu “[...] papel de passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante para produzir conhecimento” (BEHRENS, 2010, p. 71). Importante ressaltar que mudar da “[...] transmissão do saber para a (co)aprendizagem permanente é uma das consequências fundamentais da nova ordem social potenciada pelas TIC e constitui uma revolução educativa de grande alcance” (PONTE, 2010, p. 77).

A revolução educativa apontada pelo autor concretiza-se no uso pedagógico das TIC para “[...] realização de uma série de actividades [...] colaborativas e cooperativas” (COUTINHO e BOTTENTUIT JUNIOR, 2008, p. 1861) que abrem espaço para a interação, estimulam o diálogo, a criatividade e autonomia dos sujeitos, em diferentes tempos e espaços, ultrapassando o trabalho e a aprendizagem individual para valorizar a aprendizagem colaborativa.

Para Okada (2011, p. 130) as tecnologias digitais favorecem o rompimento do “[...] paradigma de ‘transmissão’ e ‘passividade’, pois é caracterizada por tecnologias do conhecimento e de redes sociais com interfaces abertas para colaboração, co-construção, co-autoria, co-parceria, e conhecimento coletivo”.

## **O uso do Google Drive como ferramenta pedagógica na educação superior**

A ferramenta Google Drive se apresenta como uma nova forma de enriquecer e contribuir para que aprendizagens significativas aconteçam. Na sala de aula diferentes “[...] estratégias e atividades pedagógicas podem ser implementadas com o uso da ferramenta Google Drive como o armazenamento e edição de texto, colaboração em tempo real, construção coletiva de conhecimentos, intercâmbio de ideias e projetos” (MELO, 2012, p. 45).

O Google Drive permite que o mesmo documento seja editado por mais de um usuário de forma síncrona ou assíncrona. A construção e a reconstrução de um texto ocorre no confronto de ideias, na interação, no diálogo e na partilha, exigindo a participação de todos os integrantes do grupo. Desta forma supera-se a ideia dos trabalhos em que os componentes do grupo dividem as tarefas e cada um realiza a “sua parte” individualmente e depois de reunir tudo entregam ao professor como se o trabalho fosse realizado por todos - realidade comum nos contextos universitários.

Para Lisbôa, Bottentuit Junior e Coutinho (2009, p. 1774) o Google Drive possibilita “promover a colaboração e a criatividade criando projectos conjuntos de um grupo único”. Neste contexto, os alunos podem ter “[...] acesso aos documentos a qualquer hora [...] incentivando à escrita colaborativa bem como servindo de estímulo e motivação para a exploração de novas ferramentas” (CARDOSO e COUTINHO 2010, p. 295), colaborando com o desenvolvimento da autonomia do aprendiz, fator essencial na educação superior.

A ferramenta também oferece ao professor a possibilidade de “verificar os trabalhos dos alunos em qualquer momento, fornecendo informações e utilizando comentários como recurso que permite acompanhar cada grupo-aluno”, atuando assim como “[...] orientador e guia na realização de projetos e mediador de debates e discussões” (COLL e MONEREO, 2010, p. 31).

No que se refere à produção de texto ou de um projeto no Google Drive, é possível acompanhar o processo de construção do trabalho e com isso obter informações sobre o desenvolvimento da atividade. Essas informações são base para identificar o que os discentes possuem habilidade para fazer intervenções necessárias na zona de desenvolvimento proximal objetivando que estas se tornem zona de desenvolvimento real, ou seja, que os alunos cheguem a níveis mais elevados do pensamento. Assim, se a

mediação atender a necessidade do aluno, o que hoje ele precisa “fazer com assistência, ele será capaz de fazer sozinho amanhã” (Vigotski, 1998, p.113).

A ferramenta também oferece a possibilidade de acompanhar todas as revisões realizadas desde o começo do trabalho até a finalização do mesmo, pois o professor tem acesso a todo o “[...] processo evolutivo de construção do documento, podendo avaliar a interação e a participação de cada aluno, que é possível através de consultas no histórico de acesso [...]” (LISBÔA, BOTTENTUIT JUNIOR e COUTINHO, 2009, p. 1774).

Assim, por acreditar na possibilidade de utilizar o Google Drive para vivenciar uma experiência pedagógica diferenciada com os alunos universitários de maneira colaborativa e compartilhada, esta ferramenta foi eleita como objeto de pesquisa que será descrita a seguir.

## **Metodologia de trabalho**

Diante disso este artigo objetiva compreender se a utilização da ferramenta Google Drive possibilita diferentes experiências pedagógicas que possam resultar em aprendizagem colaborativa na educação superior. O estudo é de natureza qualitativa constituindo-se como pesquisa exploratória e descritiva. A pesquisa teve a participação de 40 discentes e uma docente do curso de Pedagogia de uma instituição pública. Para avaliar o uso da ferramenta ao final foi aplicado um questionário *on line*, respondido por 30 alunos, com o propósito de: identificar se o uso da ferramenta colabora com a aprendizagem; perceber que experiências a ferramenta possibilita; perceber se o Google Drive possui potencialidades para contribuir para a aprendizagem colaborativa, podendo ser utilizada com frequência no curso superior. Para a análise dos dados, a técnica selecionada foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977).

## **Resultados e discussões**

A pesquisa foi desenvolvida na disciplina de Educação e Tecnologia e consistiu na produção de um texto colaborativo sobre a temática: Tecnologias digitais na educação. Esta era a unidade de ensino a ser trabalhada no segundo bimestre de 2013 nesta disciplina. Na tentativa de encontrar uma alternativa de atividade didática

diferenciada, a opção se deu pela construção de um texto colaborativo no editor de texto do Google Drive.

A opção aqui foi aventurar-se em uma experiência em que os alunos tivessem que realizar outra tarefa que não fosse “assistir” passivamente a aula “dada” pelo professor. O objetivo da aula era que o conhecimento sobre aquele tema fosse construído de forma colaborativa e para isso fizeram a opção de um espaço diferente para aprender.

Além da construção do texto colaborativo os alunos foram em busca de materiais científicos sobre o assunto e, semanalmente, relatavam suas impressões sobre as dificuldades encontradas e as superações alcançadas, e ainda sobre o que conseguiam ou não realizar, em outro documento do Google Drive. Com isso era possível ter mais clareza dos caminhos percorridos pelos discentes na realização do trabalho. A turma tem um total de 40 estudantes entre 17 e 33 anos. Destes, 30 alunos se dispuseram a responder o questionário elaborado no próprio Google Drive para o levantamento de informações sobre a experiência com a ferramenta.

Importante ressaltar que esta foi a primeira experiência dos estudantes com o uso de tal ferramenta. Dos 30 alunos, 54%, concordam que produzir um texto utilizando o editor de texto do Google Drive colaborou muito para sua aprendizagem sobre o tema proposto. Para estes discentes o uso da ferramenta permitiu: realizar um trabalho acadêmico de forma síncrona e assíncrona, construir conhecimento e entender como se realiza um trabalho em equipe.

Outros 43% expressam que produzir um texto usando o Google Drive colaborou com a aprendizagem porque puderam reunir-se muitas vezes no espaço virtual, experimentar uma nova ferramenta para aprender e realizar uma atividade compartilhada. Apenas 3% consideram que o uso desta ferramenta não colaborou nenhum pouco para sua aprendizagem por considerar que esta é confusa e não possibilita sincronia entre os participantes.

Como a ferramenta era novidade nesta turma, eles puderam vivenciar experiências diferentes de outras já vividas como estudantes. Para tal foram definidas as seguintes categorias: produção colaborativa, encontros *on-line*, um trabalho diferente, o compartilhamento e a aceitação das ideias.

<b>Categorias</b>	<b>%</b>	<b>Evidências</b>
Produção colaborativa	30%	“[...] era possível que uma pessoa do grupo produzir e a outra acrescentar uma ideia ou modificar a do colega” (A.23).
Encontros on-line	24%	“[...] a experiência de trocar informações on-line e em tempo real foi muito boa para mim e para o grupo” (A.7).
Atividade diferenciada	16%	“[...] a oportunidade de aprender a elaborar um texto de maneira diferente” (A.16).
Compartilhamento de ideias	10%	“[...] trabalhamos em grupo, nos corrigimos no conjunto e o mais importante foi compartilhar ideias juntas” (A.25).
Aceitação de ideias	10%	“[...] foi aceitar algumas modificações feitas pelos colegas quando eu escrevia algo” (A. 29)

Quadro 1 – identificação das categorias na experiência com o Google Drive

Os resultados revelam que o uso desta ferramenta possibilitou ao grupo vivenciar diferentes experiências corroborando com as ideias de Cardoso e Coutinho (2010), ao evidenciarem que esta ferramenta “permite a aprendizagem colaborativa, onde cada elemento é responsável pelo resultado do grupo” (CARDOSO e COUTINHO, 2010 p. 294).

Os discentes também foram questionados sobre a atuação da docente no processo de realização do trabalho. Para 80% dos alunos as mediações realizadas pela docente foram consideradas como muito importantes. Os outros 20% avaliam como importantes. Para os discentes a mediação é entendida como: correção, observação, orientação e auxílio, como expressam os discentes: “foi possível para nós do grupo sabermos onde estávamos errando e onde poderíamos corrigir e melhorar”. (A.2) e ainda: a professora entrevistou o tempo todo nos orientando e isto foi decisivo para que pudéssemos executar a tarefa e chegar ao objetivo final do trabalho. (A. 7)

As intervenções e interferências que auxiliam o aluno a fazer aquilo que ele ainda não consegue fazer sozinho possibilitam que novos conhecimentos sejam construídos. Desta forma docente e discentes trabalham juntos entendendo que “[...] toda ênfase deve ser colocada no ensinar/aprender como um processo único do qual participam igualmente professores e alunos” (FREITAS, 2009, s/p).

As tecnologias digitais permitem um processo de interação, estimulam o diálogo, a criatividade e autonomia dos sujeitos de maneira colaborativa e

compartilhada, em diferentes tempos e espaços. “Numa abordagem colaborativa as tarefas são realizadas por todos num contínuo de partilha, diálogo e negociação” (BARROSO e COUTINHO, 2009, p. 14).

Sobre isso 97% dos discentes destacam que o uso que fizeram do Google Drive possibilitou interação e colaboração pelas seguintes razões: ajuda mútua, participação, troca e confronto de ideias, contribuição. Sobre a ajuda mútua os discentes assim se manifestam: “[...] todo mundo dá suas opiniões e todo mundo faz sua parte e coloca um pouco do sabe sobre o tema, além de um ajudar o outro também na organização de suas próprias ideias”. (A.2). A ferramenta exigia que todos se ajudassem, como por exemplo, na procura dos conteúdos, elaboração das ideias, entre outros. (A.5)

A participação e a contribuição de todos os participantes se destacam como atributos para o Google Drive porque “[...] obriga que todos se posicionem e participem do trabalho, o que não ocorre sempre nos outros trabalhos que fazemos” (A.30). Isso é possível “[...] quando cada integrante entra, visualiza, modifica e contribuir com sua parte no trabalho” (A.5). Desta forma o “[...] grupo todo participa da elaboração do trabalho, rompendo com a barreira da distancia” (A.6). Produzir um texto no Google Drive exige que “[...] todos os integrantes contribuam com o que acham importante” (A.17), trazendo “[...] para a discussão do grupo diferentes pontos de vista e o que pesquisaram, colaborando para o desenvolvimento do trabalho”(A.10).

Para os participantes o Google Drive também se configura como ferramenta de interação e colaboração porque “[...] permite que todos participem, colaborem e deem suas ideias” (A.30). O [...] convívio com os colegas para o desenvolvimento do texto e a colaboração de todos (A.13) possibilita que cada um expresse suas ideias e opiniões e tornem assim o texto mais rico e mais completo.

Para 3% dos participantes a interação e a colaboração não ocorrem no uso do Google Drive. Isso se refere a dificuldade no uso da ferramenta e também em relação às diferenças de opiniões e tempo disponível para realização do trabalho.

Diante dos resultados entende-se que as ferramentas digitais podem ser favoráveis e capazes de possibilitar diferentes experiências no processo de ensino e aprendizagem, mas também podem dificultar o trabalho de alguns participantes quando estes não tem muita familiaridade com tais dispositivos. Para tanto é preciso levar em consideração que o a potencialidade das TIC “[...] pode tornar-se efetiva em menor ou

maior medida nas práticas educacionais que transcorrem nas salas de aula em função dos usos que os participantes fazem delas” (COLL, MAURI e ONRUBIA, 2010, p. 76).

### **Considerações finais**

A pesquisa realizada apresenta o Google Drive como uma ferramenta capaz de proporcionar diferentes experiências pedagógicas que resultou em aprendizagem colaborativa e significativa na educação superior para a maioria dos discentes participantes. Neste cenário os alunos atuaram como autores e co-autores produzindo, negociando, compartilhando e confrontando ideias. A participação e a colaboração de todos os integrantes do grupo foram requisitos para a consecução do trabalho proposto. A docente atuou como mediadora na construção do texto pelos discentes realizando intervenções e interferências que considerava como necessárias para orientar os discentes no caminho que deveriam percorrer.

Ao refletir sobre o estudo realizado é possível inferir que a ferramenta Google Drive pode ser utilizada para favorecer um caminho para a aprendizagem colaborativa na Educação Superior. Certamente não é a solução dos problemas pedagógicos na universidade, mas pode ser entendida como uma alternativa que favoreça o pensar em outras possibilidades para que o ensino universitário favoreça experiências para seus estudantes que os ajudem na sua formação.

### **Referências:**

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROSO, Marta; COUTINHO, Clara. Utilização da ferramenta Google Docs no Ensino das Ciências Naturais: um estudo com alunos de 8º ano de escolaridade. **Revista Iberoamericana de Informática Educativa**. Espanha, n.9, jan-jun 2009, p. 10-21. Disponível em <http://www.adie.es/iecom/index.php/IECom/article/view/5/152>. Acesso em 22 jan. 2013.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papyrus, 2010, p. 67-132.

CARDOSO, Lurdes; COUTINHO, Clara Pereira (2010). Ambientes de aprendizagem Web 2.0 no ensino profissional: um estudo sobre a utilização de uma ferramenta de colaboração online no módulo Estatística. In. COSTA, Fernando Albuquerque (et al.). (orgs). - ticEDUCA2010: **Actas do 1º Encontro Internacional TIC e Educação**,

**Lisboa.** Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11723/1/LurdesCardoso.pdf>>.

Acesso em 25 jun. 2013.

COLL, Cesar; MONEREO, Carles. (org.). **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

\_\_\_\_\_. MAURI, T.; ONRUBIA, J. A incorporação das tecnologias de informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, C.; MONEREO, C. (org.). **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação.** Porto Alegre: Artmed, 2010. P. 66-93.

COUTINHO, Clara; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista (2007). Comunicação Educacional: do modelo unidireccional para a comunicação multidireccional na sociedade do conhecimento. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Actas do V Congresso...** Universidade do Minho.Braga.Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7770/>

1/Sopcom.pdf> Acesso em 23 jun. 2013.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção de. Janela sobre a utopia: computador e internet a partir do olhar da abordagem histórico-cultural. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**, 32, 2009, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2009, p. 1-14. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5857--Int.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

LISBÔA, E. S.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P.(2009). Avaliação de Aprendizagens em Ambientes Online: O Contributo das Tecnologias Web 2.0. Actas da VI Conferência Internacional de TIC na Educação Challenges 2009 / Desafios 2009. Braga: Universidade do Minho. Disponível em <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9425/1/ao\\_049.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9425/1/ao_049.pdf)>

LOISELLE, Jean. A exploração da multimídia e da rede de internet para favorecer a autonomia dos estudantes universitários na aprendizagem. In: ALAVA, Séraphin (org.). **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MELO Paula Cristina Araújo de. **Google Docs e a escrita criativa no ensino da língua inglesa** (176 f). Dissertação de Mestrado Área de Especialização em Tecnologia Educativa (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade do Minho, Braga, 2012 .

OKADA, Alexandra. Colearn 2.0: Refletindo sobre o conceito de coaprendizagem via REAs na Web 2.0. In: BARROS, Daniela Melaré Vieira. **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas** - Lisboa: [s.n.], 2011. p. 73-88. E-book. Disponível em: [https://docs.google.com/file/d/0B-5eZJosO\\_E1RjlZTVc3ZFd5TEU/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/file/d/0B-5eZJosO_E1RjlZTVc3ZFd5TEU/edit?usp=sharing). Acesso em 25 jul. 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PONTE, João Pedro da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? **Revista Iberoamericana De Educación.**, Espanha, n. 24, p.63-90, 21 set. 2000. Trimestral. Disponível em: <11TTP://www.rioei.org/rie24a03.PDF>. Acesso em: 15 set. 2012.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica. 6. Ed. Edições Loyola, 2012.

VIGOTSKI. L. S. **Formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo: 2007.

**Recebido em abril 2014**  
**Aprovado em junho 2014**